

Mulheres no esporte e jornais feministas: representações durante a segunda onda do movimento no Brasil

Women in sports and feminist newspapers: representations during the second wave of the movement in Brazil

Érika Alfaro de Araújo¹
Carolina Bortoleto Firmino²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo investigar como as mulheres torcedoras, atletas e jornalistas foram representadas nos jornais feministas Brasil Mulher, Nós Mulheres e Mulherio. Os títulos circularam durante a segunda onda do movimento no país, período marcado pela luta contra a ditadura militar. Por meio dos procedimentos metodológicos da Análise de Conteúdo, categorizamos e interpretamos todas as publicações sobre esportes nesses veículos, analisando personagens e fontes, ou seja, mulheres com nome e identidade nas matérias. Foi possível observar que aspectos como gênero, raça e classe eram considerados no retrato das vivências femininas, especialmente de atletas. Ainda assim, a cobertura esportiva permaneceu limitada, e o resgate da história desses jornais aponta para as lacunas e desafios a serem enfrentados ainda hoje.

Palavras-chave: Imprensa feminista. Mulheres no esporte. Feminismo brasileiro.

Abstract

This study aims to investigate how female fans, athletes and journalists were represented in the feminist newspapers Brasil Mulher, Nós Mulheres and Mulherio. These publications circulated during the second wave of the feminist movement in Brazil, a period marked by the struggle against the military dictatorship. Through the methodological procedures of Content Analysis, we categorized and interpreted all sports-related publications in these newspapers, analyzing both the subjects and sources, women with names and identities mentioned in the articles. The findings indicate that aspects such as gender, race and class were considered in portraying women's experiences, particularly those of athletes. Nevertheless, sports coverage remained limited, and revisiting the history of these newspapers highlights the gaps and challenges that persist to this day.

Keywords: Feminist press. Women in sports. Brazilian feminism.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus Bauru-SP, com pesquisa financiada pela FAPESP (processo n. 2022/00984-0). Mestra em Comunicação e graduada em Jornalismo pela mesma instituição. E-mail: erika.araujo@unesp.br

² Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Bauru-SP. Mestra e jornalista pela mesma instituição. E-mail: carolina.bfirmino@gmail.com

Introdução

O percurso feminista costuma ser dividido a partir da ideia de “ondas”, uma categorização, para fins didáticos, de períodos históricos em que existiram “reivindicações majoritárias” ou efervescência acentuada de pautas ou problemáticas, conforme elabora Silva (2019), em uma metáfora cuja ideia é que as lutas por igualdade acontecem em fluxos e refluxos. Embora essa noção seja marcada por disputas³, as ondas feministas como movimentações e protestos públicos causaram impacto e alcançaram muitas pessoas, contribuindo para a caracterização de diversos períodos.

Logo, a primeira delas, entre o século XIX e início do século XX, é identificada pela luta por igualdade e pelo sufrágio, mas engloba outras pautas, como as condições de trabalho, o enfrentamento à violência e à escravidão – o discurso de Sojourner Truth, “Não sou eu uma mulher?”, foi feito na Convenção das Mulheres em 1851. Já a segunda onda é marcada por debates que envolvem o lugar da mulher na sociedade, sexualidade e direitos reprodutivos.

No caso do Brasil, “a organização de nosso movimento feminista, bem como de sua progressiva visibilidade, ao lado da emergência de um pensamento feminista entre nós, se deu em pleno regime de exceção política que se seguiu ao golpe militar de 1964” (Hollanda, 2019, p. 10). Conforme reconhece a autora, trata-se de um contexto complicado, pois há uma forte repressão política e uma consequente reação da esquerda em uma proposta de luta ampla; e “a necessidade de conjugar os interesses propriamente feministas com a irrecusável e urgente necessidade do engajamento político em tempos de chumbo” (Hollanda, 2019, p. 11).

Para Pinto (2003), o feminismo, em países como o Brasil, enfrenta um problema em dois sentidos. Por um lado, se organiza a partir do reconhecimento de que ser mulher acarreta consequências definitivas para a vida e que, assim, há necessidade de uma luta específica. Por outro, há uma desigualdade social, que gera fome e miséria, problema que não pode ser colocado à margem. “Principalmente na luta das mulheres e dos negros, a questão da desigualdade social é central” (Pinto, 2003, p. 45).

A pensadora elabora que essa circunstância é responsável por dois cenários diferentes: o primeiro tende a incluir tais problemáticas como parte do contexto da desigualdade como um todo – abordagem comum nos partidos de esquerda –, enquanto o

³ Pensadoras feministas como Shira Tarrant criticam a linguagem das ondas com reflexões no sentido de que tal divisão pode desconsiderar progressos entre os períodos, falhar em reconhecer a história de questões políticas ao redor do mundo (pensando no feminismo como um movimento global) e colocar à margem os problemas de mulheres não-brancas.

outro reconhece as proporções dessa assimetria no interior dos movimentos quando se têm mulheres pobres, negras e sem-terra ao lado de ricas e intelectualizadas.

Freitas (2018) reitera que, durante a ditadura militar, as manifestações do feminismo de segunda onda surgiram no Brasil, entretanto, não sem o olhar inquisidor sobre o que fugisse da busca pela redemocratização do país. Escosteguy (2016) resume:

Na virada para a década de 1970, o feminismo amalgamou um paradoxo: ao mesmo tempo em que se organizava em defesa da especificidade da condição da mulher, estabelecia uma profunda ligação com a luta contra a ditadura militar. Isso desembocou em um tensionamento permanente entre dois vetores: aquele associado às lutas que davam ênfase à sexualidade, ao corpo e ao prazer versus aquele outro que priorizava a luta de classes e/ou a luta pela democracia (Escosteguy, 2016, p. 65).

E é nesse cenário de lutas, debates, regimes autoritários e relações de enfrentamentos que surgiram os jornais Brasil Mulher (1975-1979), Nós Mulheres (1976-1978) e Mulherio (1981-1989), publicações marcantes no que se refere ao movimento feminista brasileiro e que foram selecionadas como objetos empíricos desse trabalho. Tidos à época como parte da chamada imprensa alternativa, esses jornais desempenharam um papel fundamental na articulação e divulgação das pautas feministas em um contexto de forte repressão política.

Enquanto assuntos ligados à arte conseguiam pequenas menções, a discussão sobre práticas esportivas pouco aparecia nos títulos feministas, por mais que estivesse acontecendo em todo o Brasil, marcadas por fatos como a proibição e a clandestinidade do futebol de mulheres e de outras modalidades, a expansão das academias e da tendência *fitness* a partir de 1970 e da presença escassa de atletas em eventos como as Olimpíadas.

Jornais feministas no Brasil

Em 1975, nasceu o Brasil Mulher, considerado o primeiro jornal feminista do Brasil. A pesquisadora Buitoni (1981/2009) afirma que o posicionamento das redatoras podia ser entendido como um novo tipo de foco narrativo, no qual dois elementos apareciam: o sexo biológico e o grupo, a partir da ideia de pensamento em comum. Dessa forma, a imprensa feminista negava a posição de redatora invisível, pois “quem escreve é um grupo de mulheres que fala em ‘nós’” (Buitoni, 1981/2009, p. 125-126).

Em entrevista a Firmino (2021), Maria Amélia de Almeida Teles, militante feminista e membra do Brasil Mulher, conta que as escolhas editoriais da época tinham o objetivo de alcançar as trabalhadoras e os movimentos populares. O jornal abordava a luta de classes e a das mulheres, no entanto, conforme explica a entrevistada, naquele momento, não havia

uma compreensão predominante do que era ou não feminismo, nem se incorporava – conscientemente, com demarcações – outras categorias de luta. Os textos debatiam o que era ser mulher na ditadura, com temas como a escassez de creches, o salário menor, a sexualidade, a carestia, a busca por igualdade e a origem da opressão.

Em 1976, o jornal *Nós Mulheres* teve sua primeira publicação. Buitoni (1981/2009) reforça que o tabloide tentava representar a mulher com humanidade e criar uma identificação com as classes populares. Com condições financeiras precárias, reunia mulheres, jornalistas ou não, que editavam textos a respeito de problemas femininos em uma linguagem acessível. No primeiro editorial, por exemplo, o jornal se posiciona na direção contrária da prerrogativa da imparcialidade jornalística e do padrão impessoal. Ou seja, o padrão que a imprensa feminina tradicional adotava, com um editor que ditava as regras e oferecia conselhos a uma leitora chamada de “você, mulher”, é rompido. Conforme aponta Constância Lima Duarte (2019), o *Nós Mulheres* se enquadra em uma imprensa dirigida por mulheres, que, assim como o *Brasil Mulher*, enfrentou assuntos polêmicos daqueles tempos atribulados, como aborto, trabalho feminino, prostituição, representação política, além de questões raciais e espaço das mulheres na cultura.

Em 1981, o *Mulherio* foi lançado sob a direção da jornalista Adélia Borges. De acordo com Buitoni (1981/2009), com um extenso conselho editorial, havia uma tentativa de inovar com fotos não convencionais (de mulheres marginalizadas, como boias-frias, negras e operárias) e reforçar a posição plural, emancipacionista e contra a ditadura dos modelos veiculados pela mídia. Denúncias de violência, discriminação contra a mulher negra, política do corpo, amamentação, trabalho feminino, bem como vida das operárias e da periferia das grandes cidades eram temas muito presentes.

Esporte como pauta secundária

Tanto no jornal *Brasil Mulher* quanto no *Nós Mulheres* não houve espaço para tratar do esporte com frequência. Por mais que se entendesse a importância do tema, a compreensão também era de que outras questões precisavam ser debatidas pelas “primeiras feministas”. A discussão da prática esportiva, seja a proibição de mulheres no futebol e em diversas modalidades, os preconceitos ou a presença nos estádios e vestiários, era restrita aos encontros realizados para a produção do jornal, mas não chegava até a publicação, como lembra Amelinha: “A pauta não cabe, não dá tempo, entendeu? É luxo. Então não era preocupação, embora seja uma necessidade vital. Porque isso é uma coisa vital, como se discutia a música” (Teles, 2019, p. 419 *apud* Firmino, 2021).

Já o periódico Mulherio nasceu em um contexto de mudanças e início do processo de abertura política, após um longo período de ditadura militar. Segundo Freitas (2018), na época, havia uma tendência à especialização dos movimentos feministas, desenvolvimento da pesquisa acadêmica sobre mulheres e no mercado editorial, criação dos conselhos da condição feminina e de delegacias próprias com foco na violência contra mulheres, reconhecimento governamental sobre a saúde da mulher e extinção da tutela masculina na vida conjugal. Ou seja, o Mulherio era uma publicação mais aberta ao diálogo de questões específicas das mulheres, acompanhando não apenas o declínio do regime ditatorial, mas também uma agenda feminista (Freitas, 2018).

De acordo com Freitas (2018), no editorial do número 16, o jornal se apresentava como um lugar para falar sobre a mulher real, em transformação e em movimento. Se considerarmos o contexto esportivo e como a mulher real participava dele durante o período, temos alguns cenários, como a regulamentação do futebol feminino em 1983, as Olimpíadas de 1984 e o aumento da participação de mulheres jornalistas na cobertura esportiva. Por isso, neste trabalho, estudaremos a relação dessas publicações feministas brasileiras com a mulher no cenário esportivo.

Objetivos e metodologia

A partir dos jornais Brasil Mulher, Nós Mulheres e Mulherio, pretendemos entender de que forma as mulheres presentes no campo do esporte, sejam elas torcedoras, atletas ou jornalistas, foram representadas e caracterizadas nesses espaços em que, segundo Leite (2003, p. 234), há um “compromisso com uma nova linguagem, e com a difusão de reivindicações e propostas diretamente relacionadas com a condição das mulheres”.

Aqui, partimos de dois pressupostos: primeiro, de que o esporte se desenvolveu como um campo de dominação masculina e, conforme apontam Mühlen e Goellner (2012), como qualquer outra prática cultural, é generificado e generificador; e, segundo, de que o papel do movimento feminista no reconhecimento da desigualdade de gênero nas relações de poder que sujeitam as figuras femininas à dominação masculina é notável, bem como a atuação do feminismo no enfrentamento e na desconstrução das criações inteiramente sociais das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (Scott, 2019).

Realizamos uma investigação no Brasil Mulher (edições 1 a 15), Nós Mulheres (edições 1 a 8) e Mulherio (edições 0 a 39), cujas versões digitalizadas estão disponíveis nos sites da Fundação Perseu Abramo, Fundação Carlos Chagas e da Biblioteca Nacional. Após

leitura flutuante e busca pelas palavras-chave “esporte”, “football”, “futebol”, “atleta” e “prática esportiva”, chegamos a 13 publicações, que incluem notas, reportagens e entrevistas.

A partir dos procedimentos metodológicos da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), organizamos três categorias para a apresentação desse material: mulheres torcedoras, mulheres atletas (ou que praticam esportes) e mulheres jornalistas, nas quais reunimos as personagens e fontes de cada categoria e um resumo de suas representações. Em seguida, destacamos tópicos que permearam as descrições a respeito de cada mulher mencionada (presentes tanto nos títulos quanto nas linhas-finas e no corpo dos textos) para discuti-los brevemente, considerando as características dos jornais e seu contexto social, econômico e político. Dito isso, nosso objetivo é olhar para as mulheres envolvidas no esporte como pauta nas primeiras publicações feministas no Brasil.

Mulher torcedora, mulher jornalista e mulher atleta

A divisão das categorias “mulher torcedora”, “mulher jornalista” e “mulher atleta” se deu após leitura preliminar das publicações dos jornais⁴, nos quais observamos estas três formas de representar as mulheres e suas relações com o esporte. Para a análise, consideramos apenas personagens e fontes, ou seja, mulheres que recebem nome e identidade nas matérias.

É importante explicar que nem todas as 13 publicações revelam a mesma profundidade ou o mesmo detalhamento nas descrições e caracterizações apresentadas, a considerar a variedade do *corpus*.

A seguir, a organização em tabelas apresenta as informações sobre: título (além de identificar o conteúdo analisado, oferece pistas sobre as publicações, tendo em vista que revela aspectos destacados); em qual jornal e edição a matéria pode ser encontrada (garantindo a transparência e possibilitando a verificação dos dados); e qual personagem ou fonte está presente. Dessa forma, os dados ordenados nas tabelas serão aprofundados na sequência. Vale ressaltar que chamamos de fontes as mulheres que foram entrevistadas, já as personagens aparecem como focos da narrativa jornalística, mas não necessariamente têm suas declarações expressas no texto. Essa distinção pode encontrar apoio em Traquina (2004; 2005), ao discutir como o jornalismo constrói narrativas com base na interação entre diferentes atores sociais, sendo que nem todos participam diretamente da produção discursiva da notícia.

⁴ Seleccionadas as 13 publicações, houve o primeiro contato exploratório, sem ainda aplicar categorias. Dessa maneira, foi possível compreender o conteúdo geral e identificar as três formas que as mulheres apareciam nos textos.

Quadro 1 – Mulher torcedora

Título da publicação	Jornal/Edição	Personagem/fonte
Corinthians, meu amor ⁵	Brasil Mulher, ed. 9	Eliza, torcedora corintiana
Mulher na boca do gol ⁶	Nós Mulheres, ed. 4	Elisa, torcedora corintiana
De Atenas a Los Angeles ⁷	Mulherio, ed.16	Ferenice, que esteve presente nos Jogos Olímpicos 396 a.C

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

Em 1977, três publicações abordaram a temática esportiva, uma no Brasil Mulher e duas no Nós Mulheres. Em duas delas⁸, a figura da torcedora foi predominante. A primeira e única do *corpus* pertencente ao Brasil Mulher é um poema assinado por César Vieira e publicado na sessão reservada às cartas de leitores. “Corinthians, meu amor” (Vieira, 1977) apresenta a personagem Eliza, descrita como a mulher que “agita a bandeira”, fica em silêncio, quieta a sofrer enquanto a bola corre e, em um estádio deserto, sozinha e chorando, enrola a bandeira e sonha com o povo vivendo, cantando e amando, “sem ninguém para pisar”.

Na segunda reportagem, essa do Nós Mulheres, novamente a figura da torcedora Elisa. Chamada na capa do jornal de “a mais fiel corintiana” e na matéria como “mulher na boca do gol”, é apresentada em duas imagens. Na primeira, segura uma bandeira corintiana entre homens na arquibancada, já na segunda está passando roupa, com a mesma bandeira pendurada ao fundo. A torcedora é personagem central e fonte, descrita como uma mulher negra, com “69, 70 ou 75 anos”, que, “como tantas outras, gosta de futebol”, mas, “como poucas, vai onde seu time for”. É considerada “a primeira dama da maior torcida do mundo” e “a mulher que virou símbolo no esporte dos homens”.

Afirma-se que Elisa é pobre, semialfabetizada, viúva, tem seus filhos criados, mora num bairro da periferia, com a casa “num verdadeiro buraco, sem luz e sem água encanada” e, há trinta anos, trabalha como empregada doméstica, gastando metade de seu salário com futebol. O texto conta que a torcedora só passou a frequentar o estádio depois que seu marido

⁵ VIEIRA, César. Corinthians, meu amor. Brasil Mulher, p. 15, 1977. Disponível em: <https://tinyurl.com/5rnwj3z6>. Acesso em: 5 jan. 2024.

⁶ MULHER na boca do gol. Nós Mulheres, São Paulo, n. 4, mar./abr., 1977. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/nosmulheres/arquivos/NosMulheresn4.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2024.

⁷ BORGES, Adélia. De Atenas a Los Angeles. Mulherio, São Paulo, n. 16, p. 14-15, 1984. Disponível em: https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/IV_16_1984menor.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

⁸ A terceira publicação, intitulada “‘Isto é coisa de menina’”, não apresenta personagens ou fontes.

morreu porque ele não gostava que ela fosse ao local. Assim, termina com o seguinte questionamento: “Elisa está aí. Existem outras. Não é hora da torcida feminina se organizar?”.

Na matéria “De Atenas a Los Angeles”, de 1984, no *Mulherio*, há um pequeno trecho que cita a personagem “Ferenice”, que teria se vestido de homem para assistir aos Jogos Olímpicos em 396 a.C. Ela acompanhou o filho competidor e, ao ser descoberta na torcida, chocou a multidão, pois a lei da época determinava que uma mulher seria condenada à morte caso invadisse um reduto sagrado dos homens.

Nessa categoria, encontramos duas publicações que representam a mulher torcedora – uma delas não é classificada como texto jornalístico, pois integra o espaço dos leitores – e uma passagem textual sobre uma mãe que tentou assistir à participação do filho nas Olimpíadas da Antiguidade. Nas duas primeiras, trata-se da mesma mulher: a corintiana Elisa/Eliza, descrita por meio de diversos elementos, desde questões envolvendo raça, classe, escolarização e sua relação com esposo e filhos, até sua paixão pelo esporte. Já na terceira, a curta história de uma mulher impedida de frequentar o ambiente esportivo.

Quadro 2 – Mulher jornalista

Título da publicação	Jornal/Edição	Personagem/fonte
Mulher (ainda) não entra ⁹	Mulherio, ed. 29	Denise Breuer, repórter em início de carreira; Regiane Ritter, repórter experiente; Betize Assunção, repórter da revista Placar.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

No ano de 1987, no *Mulherio*, a reportagem assinada pela jornalista Roseli Figueiredo abordou os desafios enfrentados pelas mulheres na cobertura esportiva, como a dificuldade de entrar nos vestiários dos jogos de futebol masculino para realizar entrevistas. Denise Breuer é a primeira personagem, apresentada como uma repórter que tem “apenas três meses de cobertura de futebol”. Também aparece como fonte: conta que fica constrangida ao entrar no vestiário por ser um espaço em que os atletas tomam banho e trocam de roupa, mas reconhece que ali podem surgir informações relevantes.

A segunda é Regiane Ritter, citada como uma repórter esportiva experiente, narrando suas vivências e opiniões sobre o tema discutido na matéria. Em um trecho lemos: “uma

⁹ FIGUEIREDO, Rosali. Mulher ainda não entra. *Mulherio*, São Paulo, nº 29, p. 19, 1987. Disponível em: https://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/mulherio/arquivo/VII_29_1987menor.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

profissional como ela, considerada no meio jornalístico esportivo de São Paulo, pois foi, se não a pioneira, a primeira a enfrentar com persistência a cobertura dos vestiários masculinos e a fazer escola” (Figueiredo, 1987, p. 17). O texto aponta que Regiane também atua como comentarista e que considera o rádio um mundo fechado para mulheres na cobertura esportiva. Além de narrar as situações com as quais se deparou, Regiane faz ponderações, como: “mas por que as mulheres servem para trabalhar na produção e não no campo de futebol? O campo é o orgasmo e não deixar a gente chegar lá é roubar o direito ao prazer”, em declaração que remete ao clima dos debates da segunda onda feminista. Por fim, conhecemos Betize Assunção, repórter da revista Placar que relata identificar um comportamento ambíguo de jogadores e dirigentes, cujas atitudes incluem “cantadas” e desafios, como a necessidade de provar que mulheres “entendem de futebol”.

Sendo assim, nessa categoria, três mulheres foram representadas como jornalistas que atuam na cobertura esportiva, embora todas apareçam em uma só reportagem, dando pistas de que se trata de uma pauta ainda pouco explorada pelos jornais.

Quadro 3 – Mulher atleta

(continua)

Título da publicação	Jornal/Edição	Personagem/fonte
Fora de Campo ¹⁰	Mulherio, ed. 4	Rose do Rio, capitã do time Beija-Flor
De Atenas a Los Angeles ¹¹	Mulherio, ed. 16	Baronesa vienense Wallinga de Isacescu; a japonesa Hatomi; a ginasta romena Nadia Comaneci; a alemã Cornélia Sirch; Conceição Aparecida Geremias, do heptatlo; Hortência Marcari, do basquete; Maria Isabel, do vôlei; Angélica Almeida, atleta do São Paulo.

¹⁰ FORA DE campo. Mulherio, São Paulo, n. 4, 1981. Disponível em: https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/I_4_1981menor.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

¹¹ BORGES, Adélia. De Atenas a Los Angeles. Mulherio, São Paulo, n. 16, p. 14-15, 1984. Disponível em: https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/IV_16_1984menor.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

Quadro 3 – Mulher atleta

(conclusão)

Título da publicação	Jornal/Edição	Personagem/fonte
As novas mulheres de Atenas ¹²	Mulherio, ed. 21	Isabel, Hortência, Vera Mossa, Paula, Jaqueline, Patrícia Amorim, Silvana Campos, Esmeralda de Jesus, Jorilda Sabino, Débora Srouf e Conceição Geremias, heroínas do esporte brasileiro; Débora Sericoppi, estudante; Lucicléa Queiróz Cristino, professora.
Com a camisa do avesso ¹³	Mulherio, ed. 24	Jacqueline Louise Cruz e Silva
Na marca do gol ¹⁴	Mulherio, ed. 36	Charlotte Suetta
Hortência, drible na polêmica ¹⁵	Mulherio, ed. 38	Hortência

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

Nesta categoria, consideramos as mulheres cujas relações com o esporte se dão no campo da prática, não necessariamente profissional. Assim, todas são do Mulherio. Das dez publicações que aparecem no jornal com a temática esportiva, duas delas, as notas “Esporte, reduto masculino” (Esporte..., 1982) e “Agenda” (Agenda, 1982), não têm mulheres como personagens ou fontes. Já a nota “Fora de Campo” (Fora..., 1982) traz, de forma breve, Rose do Rio como fonte, descrita como “capitã do Beija-Flor, uma mulher de 29 anos de idade que joga futebol desde criança”.

No ano seguinte, em 1983, a matéria “De Atenas a Los Angeles”, assinada por Adélia Borges, traz diversas mulheres – além da já citada Ferenice. Como apresenta um conteúdo histórico com dados da trajetória olímpica feminina, são mencionadas brevemente personagens como: “baronesa vienense Wallinga de Isacescu”, que “tentou a travessia a nado do canal da Mancha”; a “japonesa Hatomi”, que “caiu desmaiada na fita de chegada” em um prova de atletismo em 1928; a ginasta romena Nadia Comaneci, “atleta símbolo” em Montreal; e a alemã Cornélia Sirch que, em 1982, competiu nos 200 metros na natação e fez um tempo

¹² BORGES, Luciano. As novas mulheres de Atenas. Mulherio, São Paulo, nº 21, 1985. Disponível em: https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/V_21_1985menor.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

¹³ MELO, Renata Figueira. Com a Camisa do lado avesso. Mulherio, São Paulo, ed. 24, 1986. Disponível em: https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/VI_24_1986menor.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

¹⁴ CARNEIRO, Lia. Na marca do gol. Mulherio, São Paulo, nº 36, p. 21, 1988. Disponível em https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/VIII_36_1988menor.pdf. Acesso em 5 jan. 2024.

¹⁵ CARNEIRO, Lia. Hortência: drible na polêmica. Mulherio, São Paulo, nº 38, p.15, 1988. Disponível em https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/VIII_38_1988menor.pdf. Acesso em 5 jan. 2024.

superior ao recorde masculino de 1964. Depois dessa retomada, atletas olímpicas brasileiras são utilizadas como fontes. A primeira delas, Conceição Aparecida Geremias, é apresentada como uma mulher de 27 anos. “Ela é uma das dez melhores do mundo em heptatlo, medalha de ouro no Pan-Americano de Caracas, salário de Cr\$ 100 mil mensais, patrocínio de uma rede de supermercados” (Borges, 1983, p. 14).

O texto conta que Conceição nasceu numa fazenda, foi na escola da roça e, com 14 anos, foi convocada para a seleção Paulista Adulto: “Foi um malabarismo muito grande, para ela, conciliar a Seleção com as outras coisas da vida” e, aos 15 anos, “passou a trabalhar de empreita na colheita do café” e “treinar só aos sábados e domingos”. Conceição também diz que muitas meninas pararam de correr por medo de ficarem musculosas: “Mas esse negócio de criar músculos, de ficar masculinizada é o tipo de coisa que a gente não tem que se preocupar”. A reportagem narra que a atleta se casou com 19 anos, se separou, está namorando e tem uma filha de cinco anos, além do fato de que competiu nos primeiros meses de gravidez, teve um parto cesariana e, 39 dias depois, começou a correr; fala ainda que, seis meses após o nascimento da filha, bateu o recorde brasileiro de pentatlo e amamentou até os nove meses da criança, mas foi para o sul-americano e teve que tomar injeção para secar o leite.

Em sequência, lemos sobre Hortência Marcari, apresentada como “estrela conhecidíssima” de 27 anos da seleção de basquete, uma das mais bem pagas atletas brasileiras, considerada por muitos a melhor jogadora da modalidade no mundo. A reportagem destaca que Hortência possui “um discurso muito parecido com o das feministas: provar que, apesar de não ter seguido o modelo feminino, apesar de bem-sucedida numa área masculina, é mulher” (Borges, 1983, p. 14). Em entrevista, Hortência declara que nunca foi de “usar vestidinho”, mas, fora das quadras, sempre procurou mostrar “o que tem de mulher”. Conta que, quando o esporte apareceu, falavam que “jogadora de basquete era sapatão”, mas nunca ligou “porque não era”.

Por fim, temos Maria Isabel, do vôlei, descrita como “um dos maiores ídolos” do esporte brasileiro da época. A reportagem aponta que “ela virou uma musa”, “faz até comerciais para televisão” e, aos 24 anos, pode viver bem com o salário, além de explicitar que, em seu último torneio mundial, jogou grávida de quatro meses contra a vontade dos técnicos, e que sua “maior ‘ginástica’ é conciliar os jogos com o exercício de ser mãe”. O texto ainda traz Isabel dizendo: “até um tempo atrás, o casamento era profissão, e isso está mudando, graças a Deus”.

Na edição de 1984, a nota “Angélica campeã” narra a vitória de Angélica Almeida, a “campeã”, uma paulista de 19 anos que era atleta do São Paulo Futebol Clube e vivia, há sete anos, na Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (FEBEM), a atual Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA/SP). O texto narra que, embora acumulasse recordes, não havia sido incluída na equipe olímpica: “Pior para o Comitê Olímpico Brasileiro, porque Angélica continua firme e forte”.

“As novas mulheres de Atenas”, reportagem do Mulherio publicada em 1985 e assinada por Luciano Borges, abre com a apresentação de diversos nomes: Isabel, Hortência, Vera Mossa, Paula, Jaqueline, Patrícia Amorim, Silvana Campos, Esmeralda de Jesus, Jorilda Sabino, Débora Srouf e Conceição Geremias, descritas como “heroínas do esporte brasileiro”. Destaca que há “algumas bem pagas, com patrocinadores e estrutura de treinamento, possibilitando dedicação total e o reconhecimento nas ruas”, enquanto a maioria ainda luta por um espaço e precisa fazer sacrifícios, além de enfrentar barreiras e preconceitos.

Vera Mossa, que aparece como personagem e fonte, é “considerada a mais bela atleta dos Jogos Olímpicos de Los Angeles”. Ela conta que seu corpo está acostumado com seis horas de treino por dia. Hortência, a “rainha do basquete”, tem acesso “aos meios de comunicação” e diz que, antes de tudo, é mulher. Débora Sericoppi, aluna do 2º Grau (atual Ensino Médio) Alarico Silveira, aparece como uma fonte que se declara “apaixonada” pelo vôlei. Outra fonte, Lucicléa Queiróz Cristino, identificada como professora de treinamento esportivo na universidade do Amazonas, diz que “o medo de palavrões”, todos resumidos a “sapatão”, existe na maioria das mulheres, por isso elas não querem fazer musculação, para não serem chamadas de homens.

Jaqueline, do vôlei, faz uma declaração sobre “saber seu preço” e exigí-lo para ser contratada. O texto afirma que, antes de assinar contrato com uma equipe, vendeu camisetas autografadas para se manter. Em seguida, novamente temos Conceição Geremias, como personagem e fonte. A “recordista sul-americana de heptatlo e 400 metros com barreira” chega aos 28 anos de idade com uma medalha de ouro panamericana, uma filha e o ingresso na faculdade de Educação Física. Mulher negra que teve que vencer barreiras, com uma lembrança irônica do ex-marido que tentou impedir sua ida aos Jogos Olímpicos de Moscou. Ela conta que o então cônjuge a mandou decidir entre o casamento e a competição, e ela escolheu o torneio.

Então, temos Maria Lenk, “aos 70 anos de idade, recordista mundial de natação em 1939 e agora na categoria dos ‘masters’ (veteranos)”, “carrega o orgulho de ter sido a primeira mulher da América do Sul a participar de uma Olimpíada”. A reportagem termina com as

aspas: “Derrubamos a barreira legal que nos impedia de jogar futebol, lutar judô e praticar outras modalidades consideradas masculinas. Agora está na hora de deixarem a mulher decidir qual esporte é arriscado ou não”.

A edição 24 do Mulherio traz uma indicação de leitura do livro Vida de Vôlei, da atleta Jacqueline. A obra apresenta relatos de sua trajetória, e Jacqueline é descrita como uma “jovem autora muito corajosa” por fazer uma ousada acusação informal a cartolas e dirigentes do esporte nacional. O texto lembra que “Jackie”, de 23 anos, alcançou projeção internacional defendendo a camisa verde-amarela e é associada a uma “personalidade forte e imoldável”, porém temida e polêmica, afirmando que a jogadora coloca em prática um “feminismo leve”, mas com obsessão pela justiça e um resistente individualismo frente ao caráter coletivo do esporte.

“Na marca do gol”, reportagem de Lia Carneiro publicada em 1988, traz a entrevista com Charlotte Suetta, de 19 anos, “uma das titulares do time do Juventus”, com “traços nórdicos”, “baixa estatura”, “músculos bem desenvolvidos e bem distribuídos”. Fonte e personagem, Charlotte conta que o futebol é um passatempo – com o baixo salário, precisa usar as economias que trouxe de seu país. As opiniões de Charlotte são expressas, e ela afirma que, na Dinamarca, é tudo diferente, pois, aos 18 anos, as mulheres podem sair de casa para ter independência, diferente do Brasil, em que “as meninas ficam presas até se casarem, ouvindo tudo o que as mães falam, como não ter relações sexuais antes do casamento”. Assim, salienta que deseja se casar e ter filhos, mas sem os “rituais do matrimônio”. O texto diz que Charlotte é bem-humorada, gosta de roupas descontraídas, não usa maquiagem, é vaidosa, usa creme no corpo, lava o rosto com sabonete especial, cuida dos cabelos e não usa sutiã. A reportagem ainda afirma que a atleta se irrita com a eterna pergunta sobre o preconceito. “Há também quem pense nessa história de que o esporte masculiniza a mulher, a transforma num macho. Eu acho que quem pensa assim não tem inteligência para nada [...]”, declara a entrevistada.

A última reportagem, de 1988, é uma espécie de perfil que o jornal Mulherio faz de Hortência Marcari, definida como um arremesso “preciso e perfeito”, com 1,74m de autodeterminação e 60 quilos de confiança em si própria. “Ela chega para a entrevista em sua casa toda suada, depois de duas horas de treino no sábado pela manhã, mas impecável dentro do seu uniforme”, e, depois, “volta de gatinha, mostrando pernas, barriguinha e se escondendo atrás de um bocão todo pintado de vermelho” (Carneiro, p.15, 1988). Em uma primeira leitura, a linguagem pode soar pejorativa, mas se aproxima do posicionamento adotado pelo Mulherio nas outras publicações, com uma pitada de acidez para descrever as

personagens. Hortência diz que quer se casar, “como toda mulher”, mas não é uma obrigação, porque é independente financeiramente e não precisa de ninguém, mas a única coisa que deseja é ter filhos.

Análise qualitativa: discussões em destaque

O primeiro tópico que destacamos envolve a categoria mulher atleta, com mais representantes. É possível constatar a pouca variedade de pautas e de aspectos explorados no que se refere à participação feminina no esporte, tema que, apesar de aparecer, não era prioridade dos jornais feministas.

Assim, as reivindicações, os desafios e as vitórias no esporte fizeram parte de uma tentativa de retratar a diversidade das vivências de mulheres na sociedade brasileira, marcada culturalmente pela relação com algumas modalidades esportivas, como o futebol (Januário, 2015), que aparece nas matérias, mas não é a prática que predomina entre as atletas retratadas. Nas publicações feministas estudadas, as modalidades olímpicas se sobressaíram – o futebol de mulheres passou a integrar as Olimpíadas apenas em 1996.

Em se tratando dos marcadores sociais presentes na representação dessas mulheres, além do gênero, aspecto fundamental nas linhas-editoriais dos jornais, raça e classe foram acionadas em diversos momentos nas categorias torcedora e atleta. Desde o Nós Mulheres, que apresenta Elisa como uma mulher negra e pobre da periferia, cujo trabalho como empregada doméstica em uma casa no centro da cidade a fazia pegar duas conduções para ir e duas para voltar; até o Mulherio, com Conceição Geremias, em duas reportagens, descrita como uma mulher negra que não nasceu rica e precisou enfrentar diversos desafios para trilhar sua carreira no esporte.

Embora em nenhum momento o termo interseccionalidade apareça nos textos, pode-se identificar a ideia central dessa abordagem nas publicações dos jornais, tendo em vista que “a interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas” por considerar categorias diversas que influenciam as relações sociais e de poder, como raça, classe, gênero, nacionalidade e etc. (Collins; Bilge, 2020, p. 16). Então, ao representar essas personagens em suas vivências, não apenas por suas condições relacionadas ao gênero, mas considerando também raça e classe, os jornais evidenciaram a consciência sobre diversas formas de opressão nas relações sociais.

Quando olhamos para o *corpus* analisado, no que se refere à sexualidade, destacamos a ausência de debates sobre o assunto. Em certo momento, observa-se apenas que “sapatão” é um xingamento utilizado contra mulheres que praticam esportes, e a

contrapartida disso é a negação. Esse apontamento se dá em meio à falsa/equivocada ideia de que determinadas modalidades representariam um risco por masculinizar as mulheres, que poderiam ficar mais fortes ou musculosas – o que é rebatido por Hortência e Conceição Geremias, por exemplo. Nota-se que essas formas de “ofensas” à feminilidade das atletas colocam a figura da lésbica em oposição a da mulher, como se a manifestação da sexualidade fosse incompatível com o que seria feminino. Além disso, nesse pensamento, o esporte seria capaz de descaracterizar a tal ponto a feminilidade e a heteronormatividade que seria uma atividade de mulheres homossexuais – de tão naturalizadas que algumas modalidades estão no campo da masculinidade dominante. Essa oposição entre mulher e lésbica também pode ser compreendida à luz de Wittig (2022), para quem as lésbicas rompem com a categoria “mulher” tal como ela é concebida na idealização heterossexual, recusando as normas que a definem exclusivamente em função dos homens.

Nas matérias, especialmente do Mulherio na categoria atletas, as figuras femininas são representadas a partir de seus feitos no campo esportivo, ou seja, por meio de suas ocupações, seus títulos, recordes e conquistas, sendo profissionais seguras de si e que encontram no esporte um meio de sustento. Há ênfase nos salários, nos patrocínios e no fato de conseguirem ter dedicação total aos treinamentos e às competições – ou seja, se as atletas precisam de outros empregos para se manterem.

Outro tema frequente foi a maternidade, tratando de gravidez durante as competições com detalhes sobre, por exemplo, Conceição Geremias precisar tomar injeção para secar o leite. O assunto, importante na vida das mulheres que são mães, também funciona como emblema de feminilidade, comumente ligado ao aspecto biológico do corpo feminino, e simboliza, em muitos casos, o que é socialmente construído como objetivo ou destino “natural” da mulher. Para Porto (2011), a ideia de maternidade reflete a assimetria instaurada entre os sexos, é construída na dimensão simbólica como fato biológico e interpretada como decorrência natural do ato sexual e da gravidez, assim, reflete as mesmas crenças que orientam as relações de gênero e os valores atribuídos a cada sexo.

Por fim, menções aos filhos, ao casamento, ao corpo, às roupas que vestiam e à maquiagem também apareceram em diversos momentos nas matérias. Essas representações, que parecem problemáticas em um primeiro olhar, foram elaboradas de maneira distinta de outras publicações do período, como a Revista Placar, que citou o futebol feminino pela primeira vez nos anos 1980 e fazia representações pejorativas e sexistas das atletas (Salvini; Marchi Júnior, 2013; Araújo, 2023). Nos jornais feministas analisados, tais temas eram lembrados pelas entrevistadas, pois faziam parte do dia a dia dessas mulheres.

Não houve indícios de que tais descrições depreciassem ou estereotipassem a imagem de torcedoras, jornalistas e atletas, mas sim de que mostraram essas mulheres em sua diversidade de interesses e personalidades, apesar de terem o esporte em comum.

Considerações finais

A análise da trajetória de jornais feministas no Brasil evidencia o papel da imprensa alternativa na ampliação dos debates sobre os direitos das mulheres em um contexto de repressão política e censura, que marcou a segunda onda do feminismo brasileiro. Publicações como *Brasil Mulher*, *Nós Mulheres* e *Mulherio* atuaram na construção de um espaço de expressão e resistência, abordando temas como igualdade de gênero, mercado de trabalho e direitos reprodutivos. Os periódicos enfrentaram dificuldades para circular, mas divulgaram um discurso feminista plural, que dialogava com diferentes setores da sociedade.

No entanto, a ausência de discussões sobre a presença feminina no esporte reflete uma hierarquização das pautas dentro do próprio movimento feminista da época. A proibição de mulheres em modalidades esportivas e a exclusão sistemática dos ambientes de prática e competição eram questões secundárias diante de demandas consideradas mais urgentes – como direitos reprodutivos ou a luta pela redemocratização, dada a conjuntura do surgimento e circulação dos jornais, ou seja, o período ditatorial. Esse cenário revela que, mesmo em espaços de resistência, poderia haver disputas sobre o que ganharia visibilidade, impactando a forma como o esporte feminino foi (ou não) representado na mídia feminista.

O jornal *Mulherio*, que surgiu em um contexto de abertura política e maior diversificação das pautas, demonstra que o debate sobre mulheres e esportes começou a aparecer conforme o feminismo se tornava mais segmentado e abrangente. A especialização dos movimentos e o fortalecimento de pesquisas acadêmicas também contribuíram para que novas perspectivas fossem incorporadas ao discurso feminista e tivessem sua importância reconhecida.

Por meio do *corpus* selecionado para a análise, foi possível observar que, quando o esporte esteve presente nesses jornais, as pautas não variaram muito e, embora não existisse menção à ideia de interseccionalidade, nem um aprofundamento sobre o cruzamento de opressões, marcadores sociais como raça e classe apareceram nas matérias. Em uma cobertura totalmente centrada em mulheres cisgênero, a sexualidade, ainda que estivesse presente nos textos e nas entrevistas – especialmente na negação da associação da prática esportiva com a homossexualidade –, também não foi alvo de discussão.

Verificamos que as atletas são representadas por suas performances e conquistas, como profissionais que se sustentam a partir de trabalhos no esporte. Apesar de aspectos como maternidade, casamento, corpo, roupas e maquiagem estarem presentes, entendemos que é uma tentativa de retratar parte do discurso circulante sobre feminilidade, de uma maneira que não sexualizasse, objetificasse ou reduzisse as mulheres, sendo essas tendências comuns nas mídias hegemônicas.

Acreditamos que a cobertura esportiva permaneceu limitada, e o resgate da história desses jornais aponta para lacunas e desafios que até hoje precisam ser enfrentados. Compreender os limites das narrativas passadas é uma maneira de fortalecer os grupos que buscam transformar a realidade das mulheres no esporte e para além dele.

Referências

AGENDA. **Mulherio**, São Paulo, n. 8, 1982. Disponível em: https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/II_8_1982menor.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

ANGÉLICA campeã. **Mulherio**, São Paulo, n. 18, 1984. Disponível em: https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/IV_18_1984menor.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

ARAÚJO, Érika Alfaro. **Mulheres em campo**: gênero no jornalismo esportivo brasileiro. Curitiba: Appris, 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BUITONI, Dulcília S. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 1981/2009.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. D. Stuart Hall e feminismo: revisitando relações. **MATRIZES**, v. 10, n. 3, p. 61-76, 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/122541>. Acesso em: 27 ago. 2025

ESPORTE, reduto masculino. **Mulherio**, São Paulo, n. 10, 1982. Disponível em: https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/II_10_1982menor.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

FIRMINO, Carolina Bortoleto. **Gênero e posicionamento no esporte**: a noticiabilidade no jornalismo esportivo feminista do Dibradoras. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/215276>. Acesso em: 5 jan. 2025.

FREITAS, Viviane Gonçalves. **Feminismos na imprensa alternativa brasileira**: quatro décadas de lutas por direitos. Jundiaí: Paco, 2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Introdução. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ISTO É coisa de menina. **Nós Mulheres**, São Paulo, n. 6, ago./set. 1977. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/nosmulheres/arquivos/NosMulheresn6.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2024.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Modos de ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais [...]** São Paulo; Rio de Janeiro, 2015.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 11 n. 1, p. 234-241, jan-jun/2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100014>. Acesso em: 27 ago. 2025.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 34, n. 1, p. 165-184, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbce/a/WwX4BGjQRwSZgGzxttWVvTz/?lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2025.

PINTO, Célia R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PORTO, Dora. O significado da maternidade na construção do feminino: uma crítica bioética à desigualdade de gênero. **Revista Redbioética/UNESCO**, v. 1, n. 3, p. 55-66, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://redbioetica.com.ar/wp-content/uploads/2018/11/Porto.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 95-115, jan./mar, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/31644>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SILVA, Jacilene Maria. **Feminismo na atualidade: A formação da quarta onda**. Recife: Independently published, 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004/2005.

WITTIG, Monique. **O pensamento homossexual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

Submissão: 25 fev. 2025

Aceite: 23 jul.2025